

Minas vira xadrez eleitoral para aliados

Dependendo de como ficar a combinação das candidaturas entre Itamar, Azeredo, Garcia e Newton, FHC estará mais forte ou mais fraco para a disputa da reeleição no segundo colégio eleitoral do País

KÁSSIA CALDEIRA

BELO HORIZONTE – Um ex-presidente que brigou com o governo quer ser governador e ninguém sabe se continuará oposição; um governador sob constante ameaça de fritura; e um ex-governador que pode definir o quadro sucessório, mas não revela de que lado está. Itamar Franco (PMDB), Eduardo Azeredo (PSDB) e Hélio Garcia (PTB) são as peças mais importantes do xadrez eleitoral mineiro e, dependendo da forma como forem dispostos no tabuleiro, poderão fortalecer ou enfraquecer a candidatura do presidente Fernando Henrique Cardoso à reeleição, no segundo maior colégio eleitoral do País.

De quebra, entra o peão Newton Cardoso (PMDB), o ex-governador que, em 1996, se elegeu prefeito de Contagem, licenciou-se para tentar voltar ao Palácio das Mangabeiras, é forte na convenção partidária e disputa com Itamar Franco, com vantagens, a legenda para o governo do Estado. Mas tem grandes chances de ser derrubado nas urnas, depositário que é do maior índice de rejeição exibido hoje no Estado.

Itamar tem grande chance de ganhar a eleição, mas não tem a garantia da legenda de seu partido. O PMDB, no entanto, ainda aposta num acordo entre os dois pré-candidatos que favoreça Itamar, com mais chances de vencer nas urnas. Nesse caso, poderia ser aberto espaço para uma coligação mais ampla, em torno do ex-presi-

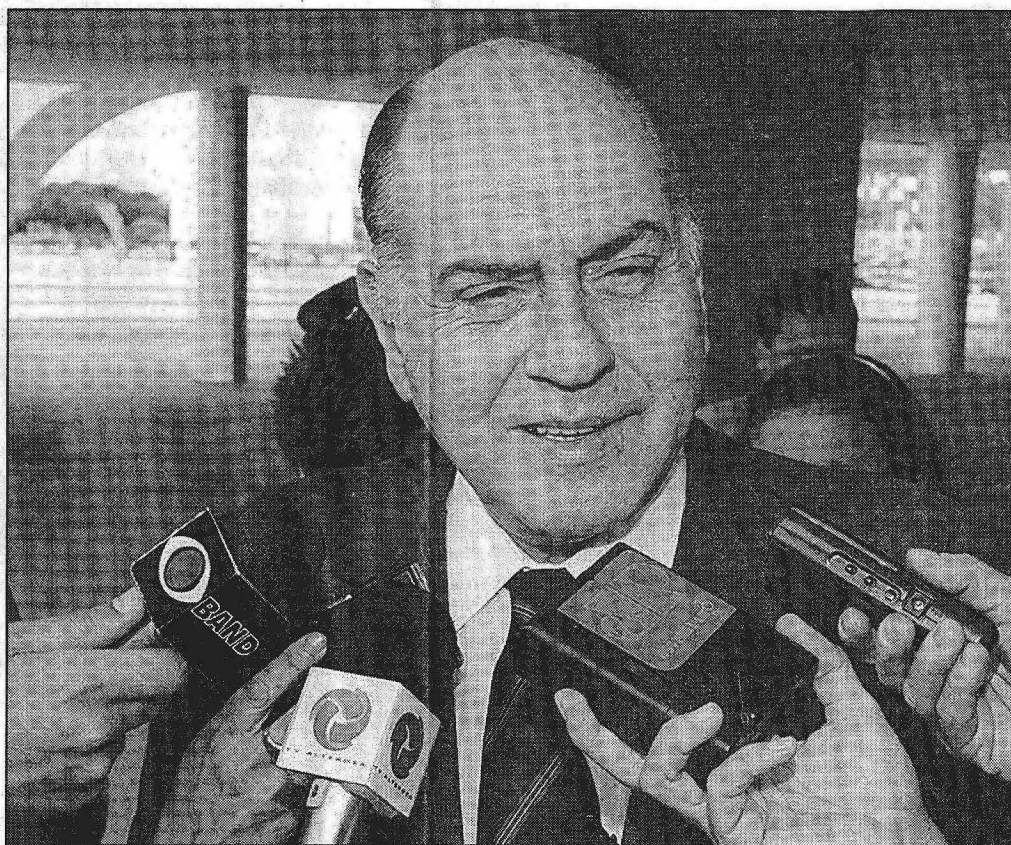
dente – que atraia, por exemplo, o PTB que em 1994 elegeu Azeredo, e o PFL, que Garcia recusa a aceitar na aliança articulada pelo governador. Se for possível uma aliança mais ampla, ainda assim ninguém aposta se o palanque de Itamar servirá ao presidente Fernando Henrique.

O presidente do PMDB mineiro, Armando Costa, acredita que, no mínimo, uma aliança partidária semelhante a que apoia a reeleição de Fernando Henrique pode constranger o partido mineiro a subir no palanque de um adversário do presidente. “Mas isso não nos impedirá de sermos críticos à conduta do governo e de sua política econômica”, ressalva.

O governador Eduardo Azeredo vai para a reeleição sem nenhuma promessa de apoio firme do Planalto – que prefere neutralizar Itamar – e dificilmente terá o apoio de Hélio Garcia, que praticamente o elegeu em 1994. Garcia, en-

tão governador, licenciou-se para articular a candidatura de Azeredo, que acabou vitoriosa. De lá para cá, no entanto, o último da geração de velhos políticos mineiros refugiou-se em sua fazenda Santa Clara, em Santo Antônio do Amparo, acumulando, reservadamente, queixas do afilhado. Embora Garcia continue em cima do muro, não há um petebista que aposte no apoio de Garcia a Azeredo.

“**Helismo**” – Azeredo têm subestimado os sinais claros, emitidos pela banda “helista” do PTB, de que embarcará em outra canoa nesta eleição. O governador confessa



Garcia: pretexto para se afastar dos tucanos é ligação de Azeredo com o PFL

que não teve uma “última” conversa com Garcia, mas declara que isso é o de menos. “Tenho liberdade com o Hélio, ele me apoiou em 1994 e meu vice é do PTB, não preciso ter esse formalismo com ele”, diz Azeredo. “Nós precisamos do apoio do ex-governador, pois ele tem uma grande experiência e uma liderança muito expressiva.” Garcia devolveu o excesso de confiança de Azeredo em uma entrevista a uma rádio de Belo Horizonte. “O PSDB é forte em Minas e o Eduardo Azeredo não precisa de mim para ganhar a eleição.”

O pretexto de Garcia para afastar-se dos tucanos é o de que Azeredo tem negociado o apoio do PFL à sua candidatura. O PFL é o partido de Hélio Costa, que Azeredo derrotou nas eleições passadas, com a ajuda do PTB, e do senador Francelino Pereira.

A má vontade do ex-governador com o PSDB, no cenário esta-

dual, coincide com o mesmo estado de espírito do PTB nacional em relação ao presidente Fernando Henrique Cardoso. O presidente nacional da legenda, senador Andrade Vieira, amarga a perda de um banco, o Bamerindus, que debita na conta da atual equipe econômica.

Presidência – Há dois sábados, Garcia recebeu o senador Andrade Vieira em sua fazenda. O senador contou ao ex-governador a conversa que tivera com o presidente Fernando Henrique. Teria dito ao presidente que o PTB só apoiaria a reeleição se pudesse apresentar um programa de governo. Caso contrário lançaria um candidato à Presidência: ele próprio, Garcia ou o senador Arlindo Porto. “Disse ao senador que o assunto tem de ser discutido e conversado com o partido”, disse Garcia. “No mais é boato, não sou candidato a nada.”

Pela fazenda do velho político, no entanto, desfilam os políticos dos mais diversos partidos. Newton Cardoso (PMDB) e os deputados federais Tilden Santiago (PT-MG) e Paulo Heslander, líder do PTB na Câmara, estiveram na Fazenda Santa Clara. Garcia mandou recados e espera conversar com o candidato do PT, Patrus Ananias, e com Itamar Franco. Mas não emitiu nenhum sinal para o Palácio das Mangabeiras.

O senador Arlindo Porto, recém-saído do governo tucano de Fernando Henrique e “helista”, coloca como condição para o apoio a Azeredo uma reedição rigorosa da aliança de 1994 no Estado, que exclui o PFL mineiro. “Qualquer mudança interrompe o processo de negociação – e daí nós poderemos partir para a candidatura própria ou abrir a negociação com outro partido”.

Há quem sonhe, no entanto, em transformar as rusgas pessoais e estaduais num fato nacional. O deputado Israel Pinheiro (PTB), por exemplo, defende que Garcia aceite a legenda para disputar a Presidência da República. “A política não pode agredir a realidade”, afirma e, segundo ele, a realidade revela o desgaste de Fernando Henrique e Azeredo. “Política é, em primeiro lugar, o pragmatismo e, por mim, o Hélio Garcia deve ser candidato a Presidente e ocupar o vazio que esse governo deixou no País.”